

Haiti "Os Espíritos na Terra"

Fotografias de Luis Alcalá del Olmo





apresenta

Haiti "Os Espíritos na Terra"

Fotografias de Luis Alcalá del Olmo

14 de julho a 09 de setembro de 2007

Galeria Neuter Michelin - 1º andar

Terça a domingo, 9 às 21h

Entrada franca

CAIXA Cultural São Paulo
2007

Em “fon”, idioma falado em Benin, a palavra “vodun” refere-se a uma potência invisível, temível e misteriosa, capaz de intervir em qualquer momento nos assuntos humanos. A deportação para o Novo Mundo de milhões de escravos negros significou a transferência para a América de crenças e práticas africanas sob diversas formas e denominações.

Os “lwas” são espíritos ou gênios sobrenaturais que podem intervir no corpo dos indivíduos, mas também estão presentes em todos os âmbitos da natureza: em árvores, rios e montanhas; no ar, na água e no fogo. Os “lwas” do vodu estabelecem uma rede de correspondências entre as atividades humanas; a agricultura, a guerra, o amor e diversos aspectos do mundo natural. Oferecem um modo de classificar os diferentes âmbitos do universo e da vida social. A ordem e a desordem, a vida e a morte, o bem e o mal, os acontecimentos felizes e infelizes. Estruturam o espaço e o tempo, se responsabilizam pela existência do indivíduo desde o nascimento até a morte. Acreditam que o simples fato de escutar assiduamente as mensagens que lhes enviam permite-lhes conhecer e realizar seu destino.

O sol, sobre pálpebras que palpitam sonhos renovados, sangra por girar ao contrário, fora da órbita de nossas alegrias. Em um sobressalto, convocando violências indizíveis bem como dores distantes de sua vã tranquilidade, o mundo é surpreendido pelo olhar dos vivos. Todo sofrimento apurado (reverberações de vislumbres, súbitos deslumbramentos de paixões), rostos congestionados – um impacto tal que repelem os olhares. Em seguida, surge uma interrogação por não mais acreditar na possibilidade das coisas; para desistir, portanto, de sua impossibilidade de agredir-nos, contando-nos as ânsias sob as que palpitam êxtases difusos. Os deuses sacodem a carga aos votos dispersos dos mortais, enquanto que umas estrelas, que acabam por tornar-se azuis nas horas incertas do dia, marcam emoções herdadas de nenhuma parte, mas deslumbrantes fantasmas.

Legba! Legba! Oh!

A terra treme ao sentir que derramam sobre sua superfície a alegria plena do mundo. Produz-se um vínculo perfeito entre os sons e os perfumes,

uma linguagem de sentidos para honrar os vínculos entre o universo dos deuses e o dos mortais. Convocados para responder à sua alegria, os "Iwas", no turbilhão de desejos contidos, confirmam sua presença.

À noite surge em uma apoteose de fogo, iluminada com a fé e o fervor das pessoas liberadas das angústias do mundo. Os vodunistas descobrem que, mais além do bem e do mal, existem por uma alegria inefável, expressão de uma infinidade de seres pelas quais são impregnados e se exaltam. São a vida cósmica.

Essa vida é a que Luis Alcalá del Olmo captou em sua diversidade, em sua multiplicidade, em sua infinitude, ao dedicar-se a ressaltar conjuntamente seus sentidos e sua unicidade na expressão da festa. Através de seus pontos de vista, estabeleceu momentos tão intensos que concentram na alquimia das fotografias uma celebração da visão. Sua lente objetiva fez mais do que ver. Poetizou a realidade através da magia de uma estranha complicidade escalonada em graus de simpatia, que deixa abolida a distância entre curiosidade e convivência. As imagens falam. Contam. Significam. Concretizam-se nos rostos por uma adequação entre a arte e a realidade, emoções sempre próximas ao êxtase. Aqui a alegria se veste de voluptuosidade. Lá se sublima com uma força imaterial. Cada emoção captada, reproduzida em sua essência, se parece curiosamente à expressão dada pela câmera; se objetiva, se torna sensação paralizada em diferentes posturas para a eternidade.

Deveríamos então falar da habilidade de Luis Alcalá del Olmo para tocar o intocável, entrando de golpe na eternidade do prazer? Não! Porque aqui nada parece unido a nenhuma atividade humana. Emoções e sensações se enlaçam em um ritual que as funde, realizando a simbiose entre o concreto e o imaterial. Surge de novo outra pergunta: ao ter alcançado o inalcançável, não estaria o mesmo Luis possuído pelo que dura o disparo de uma câmera, de uma levedura de alegria interior que preenchida com novas certezas o levou a um estado de gozo infinito pelo que pôde mudar-se a si mesmo para converter-se em um Iwa?

Jean Claude Fignolé
Lilavois, Haiti

Haiti

O Haiti é uma República Independente das Antilhas que ocupa o terço ocidental da ilha A Espanhola, descoberta por Cristóvão Colombo durante sua primeira viagem em 1492. É formada por duas penínsulas separadas pelo Golfo de Gonave e se limita à leste com a República Dominicana, ao norte com o Oceano Atlântico, ao sul com o Mar Caribe e à oeste pelo Passo dos Ventos, que o separa de Cuba.

Fruto de uma história populacional complexa, os haitianos são em sua maioria descendentes de habitantes da África negra, junto a minorias mulatas – de africanos e europeus, fundamentalmente franceses, já que desde 1697 o Haiti passou a formar parte das colônias da França. A população indígena autóctona foi descendendo progressivamente a partir de seu descobrimento, tornando necessária a mão-de-obra para a exploração agrícola da ilha como colônia de monocultivo açucareiro. Isso favoreceu a importação da população africana em regime de escravidão.

Muitas das características da sociedade haitiana só podem ser entendidas a partir da perspectiva dos movimentos de população e culturas de seus habitantes, onde as aportações da África são múltiplas e é através das mesmas que podemos compreender o vodu no Haiti.

Os Espíritos na Terra

As fotografias apresentadas nesta exposição estruturam-se em seis séries correspondentes as peregrinações do ano litúrgico: Erzulie Freda, Barón Samedi, Ogoun Ferrailié, Souvenance, Ganthier y Ra Rá.

Erzulie Freda

É a deusa Vodou do amor e da beleza, identificada com Nossa Senhora do Carmo. Reside em Saut d'Eau (Artibonite), onde uma imensa cascata se esconde em plena selva tropical junto a igreja de Nossa Senhora do Carmo construída em 1849, após a aparição da Virgem na copa de uma palmeira.

Todos os anos no dia 16 de julho, depois de visitar a imagem da Virgem, os fiéis sobem em cima da montanha onde se encontra a cascata para experimentar a energia de suas águas. Nas lagoas ao pé da mesma, alguns fiéis são possuídos pelo "loa", entrando em transe que são consideradas como a boa disposição dos deuses em atender os desejos dos fiéis.









Ogoun Ferrailé

É o deus Vodou da guerra e se identifica com Santiago o Grande, cuja festa é celebrada na Lagoa de Santiago na região da Planície do Norte, onde se encontra uma igreja com uma grande imagem de Santiago à cavalo, em atitude guerreira.

A Lagoa de Santiago é uma poça de barro, em que os peregrinos se lançam e são possuídos pelos "loas". Também é realizada uma grande quantidade de oferendas e sacrifício de animais para obter a invulnerabilidade e riquezas que tem fama de outorgar. Seus seguidores vão com lenços e vestidos de vermelho, símbolo de fogo e de ferro.







Souvenance

O "lakou" de Souvenance se encontra perto da vila de Gonaves e é um dos centros de culto ao Vodou mais famosos do Haiti, onde há peregrinação todos os anos durante a Sexta-feira Santa, Sábado de Aleluia e Domingo de Ressurreição para levar adiante uma série de cerimônias. A maioria dos peregrinos são mulheres que, com suas melhores vestimentas brancas, realizam bailes e rezas al redor das ceibas ou árvores milenares onde residem os "loas".

Também são feitos sacrifícios de animais e finalmente se banham para obter a limpeza espiritual.



Ganthier

É um vilarejo perto da capital onde esta o chamado “calvário dos milagres”, uma montanha com uma pequena capela e três cruzeiros. A peregrinação realizada neste local é exclusivamente do Vodou.

Na Sexta-Feira Santa os fiéis acodem a ele, onde rezam com os braços levantados, se lamentam e proferem gritos de angústia, esperando conseguir o milagre de encontrar um trabalho, curar-se de uma doença, espantar o azar e outras súplicas. Os peregrinos sobem até o topo da montanha carregando pedras sobre suas cabeças: ao chegar ao pé da cruz são realizadas oferendas e são acesas velas em honra dos “loas”.



Ra Rá

São bandas de música e dança que durante toda a Quaresma perambulam cantando e dançando pelos campos e subúrbio das cidades. Os participantes exibem os emblemas e as bandeiras dos templos Vodou que pertencem. Dentro das bandas existe uma hierarquia social e na formação, uma organização do tipo militar.

Segundo os trajes, as cores e a posição, se situam a rainha do Ra Rá, os organizadores, os limpadores de espírito,... Estas bandas vão por caminhos que os deuses do Vodou indicam e competem entre elas mantendo guerras místicas.



Barón Samedi

É a cabeça da grande família dos Gédé, os deuses dos mortos, encarregados de velar pelas tumbas e os cemitérios. Na entrada destes há uma grande cruz sobre um pedestal que é a residência de Barón Samedi, que é representada como um esqueleto vestido de preto, cartola e óculos escuros.

No dia 2 de novembro é a festa dos GÉDÉ. Os fiéis além de comparecer ao cemitério, perambulam pelas ruas e mercados vestidos de preto, branco e violeta, com a cara pintada de branco. Durante este mês são muitas cerimônias celebradas em homenagem aos GÉDÉ, caracterizados pela suas danças lascivas e obscenas com a finalidade de zombar da morte.





CAIXA Cultural São Paulo
Praça de Sé, 111 - São Paulo - SP CEP 01001-001
Terça-feira a Domingo, de 09 às 21 horas
Tel.: (11)3321-4400 Fax.: (11)3321-4406
remaisp@caixa.gov.br - www.caixa.gov.br



Patrocínio

